

O PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO INTERNA DE SEGMENTOS
TÓPICOS MÍNIMOS EM CARTAS DE LEITORES DE
JORNALIS PAULISTAS DO SÉCULO XIX

Alessandra Regina Guerra
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Eduardo Penhavel
Universidade Federal de Viçosa

RESUMO: Neste trabalho, analisamos o processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. Procuramos mostrar que os Segmentos Tópicos mínimos apresentam um padrão altamente recorrente de organização interna, baseado no encadeamento de cinco unidades tópicas particulares. Dessa forma, além de contribuir especificamente para a descrição da modalidade de carta em foco, o trabalho avalia a questão da sistematicidade da estruturação interna de Segmentos Tópicos mínimos, evidenciando a natureza regular desse processo.

PALAVRAS-CHAVE: tópico discursivo; organização tópica; linguística textual.

***ABSTRACT:** This paper analyses the process of internal organization of minimal Topic Segments in reader letters collected from newspapers of the State of São Paulo (Brazil) published in the 19th century. It is argued that the minimal Topic Segments present a recurring pattern of internal organization, which is based on the sequencing of five particular topic units. In this way, the paper contributes to the description of that modality of letter, and also investigates the question of the systematic nature of the internal organization of minimal Topic Segments, making evident the regular status of such a process.*

***KEYWORDS:** discourse topic; topic organization; text linguistics.*

Introdução

Neste trabalho, que se insere no âmbito da Gramática Textual-interativa (JUBRAN & KOCH, 2006; JUBRAN, 2007), analisamos o processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos mínimos, isto é, o processo de organização de Segmentos Tópicos mínimos em partes e subpartes de natureza tópica, em cartas de leitores de jornais oitocentistas do estado de São Paulo.

Os Segmentos Tópicos (SegTs, daqui em diante) são concebidos como as unidades textual-interativas em que um texto se organiza, podendo ser definidos como grupos e subgrupos de enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de conjuntos de referentes concernentes entre si e em relevância em determinados pontos do texto. Trata-se de unidades potencialmente recursivas, no sentido de que um SegT pode compreender SegTs menores, estes podem ser formados por outros ainda menores e assim sucessivamente, até que se chegue aos menores subgrupos de enunciados capazes de comportar o estatuto de SegT, os quais constituem, então, os chamados “SegTs mínimos”.

A título de ilustração, o exemplo em (1) abaixo (PENHAVEL, 2010, p. 167) mostra um excerto de uma entrevista em que um informante fala sobre a cidade em que reside. Cada um dos trechos destacados no exemplo constitui um SegT mínimo, o primeiro centrado no tópico “Tranquilidade da cidade” e o segundo, no tópico “Eficiência da área da saúde”.

- (1) então é tudo... então eu acho assim que é uma cidade tranquila sossega::da...
cê vê eu moro num lugar tão sossegado... cê vê ó... minha casa... cê viu né... que eu moro nesses três cômodo... mas lá fora eu cozinho eu lavo eu passo eu cozinho... deixo tudo lá fora... nunca ninguém mexeu nada...
então Rio Preto tá crescendo? tá crescendo... é perigoso? é perigoso...
mas prá nós por enquanto tá tudo sossegadinho ainda né... num tem tanto perigo... num tem na::da né...

em (termo) de saúde também temos um posto aqui de:: saúde que é o do:: Estoril né... também:: uns médicos bom... a gente é muito bem atendi::da... ganha remé::dio... além da consulta você ganha remédio... eu mesmo ganho remédio de pressão... ganho remédio prá:: menopau::sa... ganho:: na saúde mental... eu pego anti-depressi::vo

Penhavel (2010) analisa o processo de estruturação interna de SegTs mínimos em Relatos de Opinião e conclui que, nesse gênero, os SegTs mínimos

apresentam um esquema altamente sistemático de estruturação interna. A partir dessa análise, o autor formula a hipótese de que os SegTs mínimos constituem unidades textuais sistemáticas, passíveis de análise em termos de regras gerais de estruturação tópica e propõe, então, um plano de pesquisa voltado para a investigação e o levantamento das regras de estruturação de SegTs características de diferentes gêneros textuais, de modo a se identificar um inventário das diferentes regras de estruturação de SegTs mínimos e a se verificar como elas se articulam em diferentes gêneros textuais.

Nesse sentido, no presente trabalho, selecionamos um gênero textual particular, o gênero Cartas de Leitores, especificamente cartas de jornais paulistas do século XIX, e descrevemos como se dá o processo de estruturação de SegTs mínimos nesse caso específico. Conforme procuramos mostrar, também nesse gênero é possível identificar um padrão altamente recorrente de estruturação de SegTs mínimos, passível de ser tomado como regra geral de estruturação, o que apontaria na direção da pertinência do plano de pesquisa acima mencionado.

Além desse objetivo central de avaliar a sistematicidade do processo de estruturação de SegTs mínimos, este trabalho tem o objetivo de contribuir para a própria descrição e caracterização das cartas de leitores em questão. A esse respeito, a análise aqui sintetizada vincula-se, em particular, aos estudos dessas cartas desenvolvidos no âmbito do Projeto de Diacronia dos Processos Constitutivos do Texto, que trata de analisar e comparar a funcionalidade dos processos de construção textual em diferentes gêneros, dentre eles as cartas de leitores em questão¹. A propósito, as cartas aqui analisadas fazem parte do *corpus* utilizado nesse projeto, sendo extraídas, particularmente, de Barbosa & Lopes (2006).

O presente trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos uma síntese da Gramática Textual-Interativa e de seus aspectos mais relevantes para este trabalho, incluindo a noção de SegT mínimo; na seção 2, procedemos à análise da estruturação interna dos SegTs mínimos nas cartas de leitores em pauta; finalmente, na última seção, apresentamos as conclusões.

1. A Gramática Textual-Interativa

A Gramática Textual-Interativa (JUBRAN & KOCH, 2006; JUBRAN, 2007) constitui uma vertente da Linguística Textual (KOCH, 2004), sendo,

¹ O referido Projeto de Diacronia dos Processos Constitutivos do Texto vincula-se a um projeto de pesquisa maior intitulado Projeto de História do Português Brasileiro e, mais especificamente, ao chamado Projeto de História do Português Paulista (CASTILHO, 2011).

assim, uma abordagem que assume o texto como objeto de estudo. A Gramática Textual-interativa (GTI, daqui em diante) fundamenta-se em uma série de conceitos e princípios teóricos, dentre os quais destaca-se a concepção de linguagem como interação social, como forma de ação verbal, pela qual os interlocutores realizam tarefas comunicativas de troca de representações, executam metas, manipulam interesses, no contexto de um espaço discursivo sempre orientado para os parceiros da comunicação, isto é, num contexto que engloba o modo como os interlocutores se situam reciprocamente, em função de suas representações mútuas sobre papéis sociais e discursivos, conhecimento partilhado de mundo, atitudes, propósitos e reações assumidas no intercâmbio comunicativo (JUBRAN, 2007).

No âmbito dessa concepção de linguagem, um primeiro princípio teórico-metodológico norteador da GTI, conforme explica Jubran (2007), é o de que os fatos nela considerados têm suas propriedades e funções definidas no uso, nas situações concretas de interlocução, coenvolvendo as circunstâncias enunciativas; nesse sentido, como observa a autora, na efetivação da atividade verbal, manifesta-se a competência comunicativa dos interlocutores, compreendida como a capacidade de manter a interação social por meio de textos.

Outro princípio essencial da GTI, particularmente importante no presente trabalho como fundamentação para a postulação de uma natureza sistemática do processo de estruturação de SegTs mínimos, é o de que os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística. A esse respeito, Jubran (2007, p. 315-316) diz o seguinte:

[...] os dados pragmáticos não são vistos como moldura dentro da qual se processa o intercâmbio linguístico, ou como camada de enunciação que envolve os enunciados. As condições enunciativas que sustentam a ação verbal mostram-se no texto, por meio das próprias escolhas comunicativamente adequadas à situação interativa [...]. Enquanto realização efetiva da atividade interacional, o texto emerge de um jogo de atuação comunicativa, que se projeta na sua construção, constituindo-se como o lugar de identificação de pistas indicadoras de regularidades de um sistema de desempenho verbal. Postular um sistema dessa natureza implica negar recortes dicotômicos como língua/fala, competência/desempenho, a fim de direcionar o enfoque de pesquisas gramaticais não apenas para regularidades estritamente estruturais, como também para princípios que governam a atividade verbal, de acordo com fatores condicionantes de várias naturezas, responsáveis pelo caráter determinístico (restrições) ou probabilístico (escolhas facultadas ao falante) das expressões produzidas na fala. Admite-se, assim, a sistematicidade da atividade discursiva, definível por regularidades/princípios de processamento de estruturas textuais.

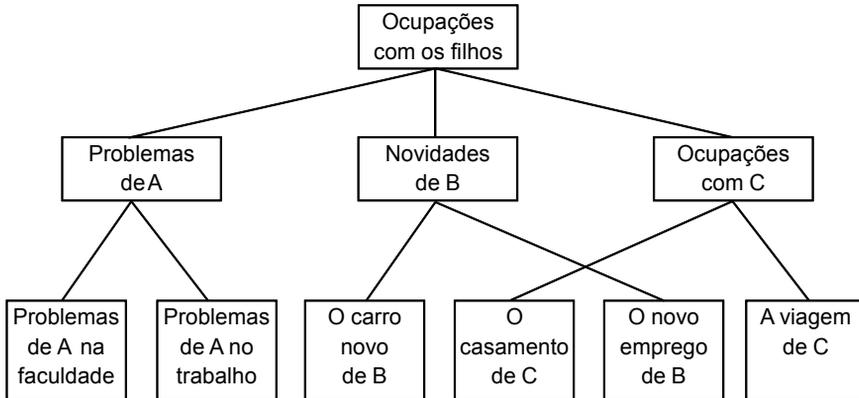
Com base, então, principalmente nesses conceitos e princípios, a GTI assume o texto como objeto de estudo. Mais especificamente, a GTI investiga os chamados “processos de construção do texto” (ou “processos constitutivos do texto”), assim como o conjunto das expressões linguísticas que os gerenciam. Esses processos são os de Topicalidade, Referenciação, Parentetização, Parafaseamento, Repetição e Correção; e as expressões linguísticas que gerenciam esses processos constituem os chamados Marcadores Discursivos.

O processo de Topicalidade (ou processo de Organização Tópica) consiste na organização do texto mediante a construção e articulação linear e hierárquica de grupos de enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de conjuntos de referentes concernentes entre si e em relevância em determinados pontos do texto (cf.: JUBRAN *et al.*, 2002).

Considere-se uma situação de interação verbal hipotética em que um casal conversa sobre os filhos A, B e C. No decorrer do texto, falam, em sequência, por exemplo, sobre (i) os problemas de A na faculdade, (ii) os problemas de A no trabalho, (iii) o carro novo de B, (iv) o casamento de C, (v) o novo emprego de B e (vi) a viagem de C. Esses tópicos representam a centração dos falantes em grupos de enunciados concernentes entre si e em relevância em certos pontos do texto (o que caracteriza a propriedade de *centração tópica*, uma das propriedades particularizadoras do processo de Topicalidade).

Observe-se, ainda, que esses agrupamentos estão sequencialmente relacionados entre si, havendo entre eles mecanismos de transição, de marcação de relações semântico-discursivas etc. Além disso, há entres eles uma relação hierárquica. O primeiro e o segundo agrupamentos podem ser entendidos como compondo um agrupamento mais amplo, centrado na ideia “problemas de A”; o terceiro e o quinto agrupamentos podem ser reunidos num conjunto maior (descontínuo) intitulado “novidades de B”; o quarto conjunto e o sexto poderiam ser vistos como partes de um conjunto mais abrangente (também descontínuo) intitulado “ocupações com C”. E, similarmente, esses três agrupamentos mais amplos equivaleriam a partes de um tópico global, que poderia ser chamado de “ocupações com os filhos”. Ou seja, o processamento do texto pelos falantes compreende o estabelecimento de relações sequenciais e hierárquicas entre grupos de enunciados (essas relações caracterizam a propriedade de *organicidade tópica*, também particularizadora da Topicalidade).

O Quadro 1 abaixo ilustra as relações de organização tópica na situação hipotética em pauta.



Quadro 1: Exemplo hipotético de relações de organização tópica

O processo de topicalidade, então, envolve essa formulação de grupos e subgrupos de enunciados concernentes entre si e em relevância em certos pontos do texto e o estabelecimento simultâneo de relações lineares e hierárquicas entre esses (sub)grupos de enunciados.

O processo de Referenciação diz respeito à construção de referentes (mais exatamente, de objetos de discurso), o que compreende os procedimentos pelos quais os referentes são introduzidos, conduzidos, retomados, identificados e modificados no decorrer do texto. O processo de Referenciação engloba a Referenciação Tópica e a Metadiscursiva. A Referenciação Tópica compreende a construção dos conjuntos de referentes ligados à formação dos grupos e subgrupos de enunciados concernentes entre si, que compõem a rede de relações tópicas do texto. Já a Referenciação Metadiscursiva consiste na construção de referentes que categorizam os aspectos da própria atividade enunciativa, explicitando no texto essa atividade.

O processo de Parentetização consiste na inserção, no decorrer do texto, de informações relativas ao processamento textual, sendo, assim, informações desviantes da centração que unifica o grupo de enunciados no qual essas informações se encaixam. A Parentetização engloba o encaixamento de informações com foco na elaboração tópica do texto, informações com foco nos interlocutores e informações com foco na situação de interação verbal.

Os processos de Repetição, Correção e Parafraseamento constituem processos de Reformulação: a Repetição diz respeito à reiteração de algo já dito, a Correção envolve a anulação de algo já dito por meio de uma nova

formulação, e o Parafraseamento trata da reelaboração formal de um conteúdo já dito.

Finalmente, os Marcadores Discursivos compreendem certas expressões que gerenciam os processos de construção textual. São distinguidos dois tipos principais de Marcadores: os basicamente sequenciadores e os basicamente interacionais. O primeiro tipo engloba expressões que, dentre outras características, exercem a função de articular segmentos textuais de estatuto tópico, abrangendo conectivos como “agora”, “então”, “porque”, “mas”, “e”, “em primeiro lugar” etc. Já os marcadores basicamente interacionais incluem certos itens com a função primordial de codificar orientações dos falantes em relação ao ato de interação verbal, abarcando elementos como “né?”, “sabe?”, “veja bem”, “bom”, “certo”, “ahn ahn” etc.

Em termos bastante sintéticos, esse seria o programa de estudo da GTI. O processo de estruturação interna de SegTs mínimos, objeto de análise deste trabalho, constitui parte do processo de Topicalidade.

Retomando, então, esse processo, os grupos e subgrupos de enunciados formulados por meio dele constituem as unidades chamadas de “SegTs”. No exemplo hipotético representado no Quadro 1 acima, os trechos do texto correspondentes a cada um dos tópicos distinguidos nas caixas do Quadro constituem SegTs; por exemplo, o segmento do texto correspondente ao tópico “Problemas de A na faculdade” constitui um SegT, o trecho (descontínuo) correspondente ao tópico “Novidades de B” constitui outro SegT e assim por diante. Os menores SegTs do texto, isto é, os menores conjuntos de enunciados capazes de comportar a propriedade de *centração*, constituem os chamados “SegTs mínimos”, que são, então, as unidades aqui analisadas. No exemplo representado no Quadro 1, os SegTs mínimos seriam os SegTs correspondentes aos seis tópicos encadeados no nível mais baixo da representação.

A motivação principal para o presente trabalho é a de que a GTI ainda não dispõe de uma quantidade significativa de análises detalhadas sobre o processo de estruturação interna de SegTs mínimos. Trata-se de uma situação diferente do que ocorre no caso da articulação *entre* SegTs, a chamada “articulação intertópica”, sobre a qual a GTI já apresenta descrições bastante específicas e, inclusive, metodologia bem definida, baseada principalmente nos critérios de *centração* e *organicidade* tópicas. O trabalho de Penhavel (2010) parece ser, por enquanto, o único trabalho suficientemente detalhado sobre a estruturação de SegTs mínimos, o qual, no entanto, delimita-se, como realmente deveria ser, a um gênero textual particular. Assim, essa ausência de caracterização mais aprofundada da organização interna de SegTs mínimos e a relevância

que reconhecemos desse tipo de estudo, não só em termos de exploração do próprio processo de topicalidade, mas também em termos da necessidade desse estudo para viabilizar o desenvolvimento de outros temas, como o estudo de Marcadores Discursivos, é que justificam o trabalho aqui proposto.

Além disso, também motivam este trabalho a hipótese formulada em Penhavel (2010) de que o SegT mínimo constitui uma unidade textual sistemática, passível de descrição em termos de regras gerais de estruturação, e a proposta de levantar regras gerais de estruturação de SegTs mínimos em diferentes gêneros textuais, visando à construção de um inventário das regras com que os falantes lidam na interação verbal e à descrição de como elas se combinam nos gêneros diversos.

É nesse contexto, então, que, na seção seguinte, passamos a analisar o processo de estruturação interna de SegTs mínimos no caso particular de cartas de leitores de jornais oitocentistas do estado de São Paulo.

2. A estruturação interna de SegTs mínimos nas Cartas de Leitores²

Conforme temos observado, os SegTs mínimos das cartas de leitores em pauta apresentam uma forma de estruturação interna diretamente vinculada àquilo que parece constituir o objetivo central das cartas. De acordo com nossa análise, esse objetivo seria o de discorrer sobre determinada situação, exposta como um problema, e reivindicar, implícita ou explicitamente, que alguma medida seja tomada no que se refere a tal situação.

Vinculando-se, então, a esse propósito central, os SegTs manifestam uma unidade tópica que envolve a construção de uma situação-problema, unidade aqui denominada de “Discussão”, podendo apresentar, ainda, normalmente na sequência, outra unidade especificamente dedicada a reivindicar algo sobre essa situação, unidade aqui chamada de “Interpelação”. Quando o SegT apresenta apenas a Discussão, dizemos que a reivindicação está implícita; nesses casos, o sentido de reivindicação decorre “simplesmente” da formulação da situação-problema. Já quando o SegT apresenta também a Interpelação, dizemos que a reivindicação está explícita. A Discussão compreende quatro subunidades potenciais, aqui rotuladas de “Abertura”, “Explicação”, “Avaliação” e “Fechamento”, as quais, conforme ocorram, aparecem, normalmente, nessa ordem sequencial.

² A partir desta seção, sempre que mencionamos “SegT” ou “SegTs”, estamos nos referindo, na verdade, a SegT ou SegTs *mínimos* (especificação às vezes omitida apenas por razões estilísticas).

Dessa forma, pode-se perceber já o que iremos considerar como a regra geral de estruturação de SegTs mínimos nessas cartas, que seria a de que a estruturação dos SegTs compreende a construção (potencial) das (sub)unidades de Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento e Interpelação, nessa ordem sequencial. No decorrer desta seção, explicamos as características dessas diferentes (sub)unidades tópicas e o modo como elas se combinam na construção dos SegTs.

Começando com a distinção principal entre Discussão e Interpelação, observe-se o exemplo em (2), que ilustra um SegT mínimo (correspondente, nesse caso, a uma carta inteira), no qual aparecem essas duas unidades.

(2) Senhor Redactor. ||

Está um bexiguento na populosa rua da Quitanda que | se mudou de uma casa de sobrado. || E' captivo de homem rico, podia ir para uma cha- | cara, e não se largar ali em um quarto, em uma rua tão | caminhada. Eu senhor Redactor já fui vacinada, e muito | vacinada, não pelas vacinas de agora, que negão fogo, | mas pelas do tempo do Horta: não é por mim que re- | clamo, por ir fazer compras nessa rua para os meus es- | tudantes, que não relaxão a mimosa manteiga da casa | do senhor Miguel, e vinagre também; mas como me acom- | panha sempre uma pequenina, que me carrega o balai- | nho,

peço que vejam isso, a bem das nossas leis, e inde- | pendencia da nossa constituição, e pacto fundamental, | que os ditos meus estudantes tanto fallão quando estão | fazendo o quilo. ||

MIQUELINA DO AMOR DIVINO (Carta 456).

Nesse exemplo, no primeiro bloco de enunciados após o vocativo inicial, o escrevente descreve o fato de um indivíduo enfermo (“um bexiguento”) estar vivendo em determinado local de sua cidade (“rua da Quitanda”) e expõe esse fato como um problema, argumentando, dentre outras coisas, que o local é muito movimentado (“populosa rua”, “rua tão caminhada”), que as vacinas da época não são eficazes (“vacinas de agora, que negão fogo”) e que crianças frequentam o local (“me acompanha sempre uma pequenina”). Esse bloco de enunciados exemplifica o que chamamos de Discussão. No bloco seguinte, o escrevente, de forma explícita, solicita que alguma medida seja tomada em

relação a esse fato (“peço que vejam isso”). Este segundo bloco de enunciados ilustra o que estamos chamando de Interpelação.

Há uma série de características que a Interpelação pode assumir que contribuem para distingui-la da Discussão, destacando-a como uma unidade tópica particular no decorrer do SegT. Dentre essas características, cabe ressaltar as seguintes: (i) mudança no tipo de referenciação; (ii) focalização da dimensão interacional na construção textual; (iii) uso de verbos performativos; (iv) uso de verbos no modo imperativo; (v) uso de Marcadores Discursivos de fechamento tópico.

A mudança no tipo de referenciação pode ser observada no próprio exemplo em (2), em que há uma mudança de um conjunto de referências mais diretamente concernentes com a descrição do problema do bexiguento da rua da Quitanda (como é o caso das referências destacadas em *itálico* no exemplo, na unidade de Discussão) para um conjunto de referências mais genéricas, que não dizem respeito (ou, pelo menos, não dizem respeito diretamente) à descrição do problema do bexiguento, mas que estão ligadas à reivindicação de alguma providência em relação ao problema do bexiguento (como ocorre nas referências destacadas na unidade de Interpelação). Observe-se que referências como “independência da nossa constituição” e “pacto fundamental” não tratam de descrever o problema do bexiguento, mas têm a ver com a invocação dos governantes do país, ao contrário de referências como “um bexiguento” ou “uma rua tão caminhada”, por exemplo.

A focalização da dimensão interacional na construção do SegT também pode contribuir para particularizar a Interpelação. Ou seja, na Interpelação pode haver uma mudança de foco, que pode passar a incidir predominantemente sobre a dimensão interacional, por meio de um endereçamento mais direto ao destinatário, bem como da construção de um tom mais subjetivo, como mecanismos de persuasão. Assim, pode haver na Interpelação, por exemplo, a intensificação do uso de vocativos, assim como a utilização de expressões de caráter mais emotivo e apelativo, como aquelas destacadas em *itálico* nos exemplos em (3) e (4) abaixo.

- (3) *Rogo-lhes* | pois Senhor Redactor *o obzequio* de publicar estas li- | nhas, para ver se *minha fraca voz* póde chegar | até *os doirados tectos*, sob os quaes *tranquillo des-* | *cança* o meu *Excellentssiissimo Patricio* (Carta 441).
- (4) *Acuda-nos* Senhores Redactores, *a nossa* | *saude honra e vida* estão em *perigo*: não | é possível que continue o escandalo (Carta 447).

O uso de verbos performativos e o uso de verbos no modo imperativo também podem ser adotados. Representam recursos naturalmente eficazes para construir e explicitar a Interpelação, já que esta constitui a efetivação de algum tipo de pedido, podendo ser vistos também como formas de intensificação da dimensão interacional. Esses dois recursos podem ser observados, respectivamente, nos exemplos de (5) a (7) e de (8) a (10).

- (5) [...] *rogo* a vossa mercê que atice a policia nesses miliantes e dê | com elles no chelindró [...] (Carta 469).
- (6) *Pedimos* | a Sua Excelência o Senhor presidente que olhe para | esta lastima (Carta 442).
- (7) *Rogo-lhe* | portanto queira fazer inserir isto mes- | mo no mesmo Farol, pelo que lhe ficará | obrigado [...] (Carta 394).
- (8) Em vista desta patacuada *peçam* Vossas mercês | ao Senhor Godoi que não progrida; pôde ap- | parecer algum Turco que lhe dê um bom | cachimbo (Carta 444).
- (9) *Relevem* portanto, Senhores Redactores, | que por meio de sua folha, chamemos a | atenção da camara municipal, para o | que levamos dito, afim de que activem os Senhores fiscaes ou demittão-os no caso de | reincidirem no seu proverbial deleixo (Carta 445).
- (10) Bachareis, bachareis; senhores homens da sciencia, | ás armas, *hide* aos campos paraguayos buscar glorias, e depois *voltai* ao vosso pais a plantar a illustração pe- | la penna e pela palavra (Carta 462).

O uso de Marcadores Discursivos de fechamento tópico também constitui uma estratégia de particularização da Interpelação, na medida em que essa unidade pode ser vista justamente como um momento de fechamento do SegT. O uso de marcadores pode ser observado nos exemplos em (3), (7) e (9) acima, onde ocorrem os marcadores *pois* e *portanto*, bem como no exemplo em (11) abaixo.

- (11) *Em fim de contas* eu o que quero é providencias sé- | rias [...] (Carta 469).

As características acima descritas parecem ser as que contribuem mais diretamente para distinguir a Interpelação da Discussão e destacá-la como uma unidade tópica particular no decorrer da construção do SegT. Em cada Interpelação, pode ocorrer apenas uma dessas características ou mais de uma, sendo possível até a ocorrência de todas em uma mesma Interpelação.

Além dessas características propriamente distintivas da Interpelação, outros aspectos dessa unidade que podem ser citados são os seguintes: (i) o que estamos chamando de Interpelação atualiza-se, na maioria das vezes, como um pedido, podendo, no entanto, constituir também uma sugestão, um aviso ou alguma outra intenção dessa natureza; (ii) a reivindicação feita na Interpelação pode ser para publicar a carta, para que seja tomada propriamente uma medida em relação ao problema em pauta formulado na Discussão ou essas duas coisas; (iii) a Interpelação pode ser dirigida ao redator (ou redatores) do jornal, ao público em geral ou a uma pessoa ou órgão específico.

No que diz respeito a sua estrutura interna, a Interpelação não apresenta subpartes de natureza tópica. Ela é formada por enunciados que, em termos de estatuto tópico, seriam equivalentes entre si. São enunciados que se adicionam e que juntos formam uma única unidade tópica, que é a própria Interpelação, sendo que, às vezes, a Interpelação pode compreender um único enunciado.

Considere-se agora a unidade denominada de “Discussão”, lembrando que se trata de uma unidade tópica do SegT mínimo destinada à construção de uma situação-problema, ou, em outras palavras, à exposição e/ou à avaliação de uma situação dada como problemática. Recorde-se também que a Discussão compreende quatro subunidades potenciais: Abertura, Explicação, Avaliação e Fechamento.

A Abertura seria uma unidade inicial da Discussão especificamente dedicada a anunciar o tópico que será desenvolvido no restante do SegT. Alguns exemplos típicos do que estamos considerando como a unidade Abertura seriam os primeiros blocos de enunciados nos exemplos em (12)-(15) abaixo.

(12) Senhores Redactores. Não posso deixar de queixar-me á Vossas mercês e ao | publico do abandono, em que se acha a estrada, | por onde costumo transitar com minha tropa.

No tempo dos Presidentes [...] (Carta 441).

(13) Não posso deixar de levar ao conheci- | mento do povo honesto e princi-
palemnte | do commercio da capital, o procedimento | pouco cavalheiro

de um importante negociante atacadista desta praça - o senhor José de Souza Macedo.

O abaixo assignado há muito tempo que occupava um predio de propriedade do dito negociante [...] (Carta 523).

(14) Senhor Redactor. – Tenho visto varias correspondencias desta villa, e tenho lido ellas afim de ver se deparo em alguma dellas a noticia de um grande pagode que houve ha dias na fazenda do senhor Victoriano José Lemes, e como ninguém tem lembrado-se de fallar nesse pagode, e para que se veja e saiba como esta villa vai em progresso tomo a tarefa de publicar o motivo desse pagode. || Disse progresso porque nesta villa quando se vai a qualquer divertimento já se diz, ora esta villa está em progresso. || Desçamos ao pagode e ao que deu motivo a isso.

Varios moradores do bairro de Buquira vendo-se privados de virem a esta villa cada vez que os rios enchem fizeram uma representação á camara municipal [...] (Carta 452).

(15) Senhor Redactor – Como em o seu número 97 de hoje me offerece occasião de desabafo contra a Camara d'esta Cidade a quem incumbe a sua policia quero desabafar meu sensibilizado coração, contando-lhe um caso horroroso, acontecido á tres dias em uma rua publica d'esta Cidade.

Um pobre môço carreiro de 10 a 12 annos que servia de arrimo a sua desgraçada familia, tendo marchado 3 ou 4 leguas por entre mãos caminhos, chegou [...] (Carta 390).

Num dado SegT, distinguimos a Abertura quando é possível isolar um conjunto de enunciados que teria, primariamente, a função de anunciar o tópico, o qual, a partir de então, passa a ser abordado. Seria um conjunto de enunciados em que se diz “Nesta parte da carta, vou falar sobre ‘x’”. E aí, a partir do momento em que se começa a falar de “x”, inicia-se outra unidade do SegT. É o que pode ser visto em todos os casos de (12) a (15). Em (12), por exemplo, o escrevente anuncia explicitamente que irá falar sobre o estado de abandono em que se encontra a estrada por onde transita com sua tropa. Em seguida, começa a descrever a situação da estrada.

Isso não significa que não haja alguma estratégia de abertura (ou introdução) nos SegTs em que não distinguimos a unidade Abertura. Teoricamente, entendemos que todo SegT possui algum tipo de introdução, no sentido de que a forma pela qual ele começa é, enfim, a estratégia textual ali usada para iniciar o SegT. O que acontece é que nem sempre o escrevente dedica um conjunto de enunciados para fazer prioritariamente a abertura do tópico.

Por exemplo, há casos em que um SegT começa diretamente com uma Explicação que consiste na narração cronológica de determinado episódio. A narração cronológica dos fatos, introduzida pelos fatos iniciais, pode dar ao SegT o que chamaríamos de um “tom de abertura” (podendo ser vista como a estratégia de introdução do SegT ali usada). Porém, não será o caso de segmentar um trecho como representando a unidade Abertura, pois os fatos iniciais já integrariam a situação-problema sobre a qual uma reivindicação estará em jogo (implícita ou explicitamente). Esse tipo de situação pode ser visto no SegT abaixo.

(16) Senhor Redactor. – O anno proximo passado | tive a honra de lhe dirigir uma cartinha, | na qual perguntava como é que a Nação | dava cento e cinquenta mil reis, a um | Senhor Proffessor para ensinar Grammatica | Latina aos meninos do Côro, quando es- | te não dava Aula: julguei que minha tão | justa quão razoavel advertencia produzi- | ria todo o effeito desejado; porém hoje | soube que continuava no mesmo deslei- | xo, dando Aula de 15, em 15 dias [...] Espero pois | que com esta minha segunda adver- | tencia se não deixe de dar Aula nos | dias marcados por Lei [...] (Carta 393).

O SegT em (16) apresenta uma narrativa cronologicamente organizada, iniciada com a narração do fato de o escrevente ter enviado uma carta no ano anterior relatando um problema. A apresentação desse primeiro fato, sobretudo por ser uma situação no passado, parece dar um tom de introdução ao SegT, podendo, inclusive, criar a impressão de que se trata de um background preparatório para a apresentação subsequente de algum outro fato, enfim, central. Porém, a nosso ver, o fato inicial de envio da carta já faz parte do problema em questão nesse SegT, que seria o problema de o escrevente ter enviado uma carta e esta não ter surtido efeito, o que leva o escrevente, então, a enviar uma nova carta; ou seja, o problema lamentado no SegT seria justamente o escrevente ter enviado uma carta anterior e não ter obtido resultado, tanto que ele decide escrever nova carta. Considerando essa interpretação, o SegT em (16) seria um

exemplo de um SegT que teria um tom inicial de introdução, mas que não teria a subunidade de Abertura.

Similarmente, há também casos de SegTs que já começam discutindo bastante especificamente um tópico, pressupondo o conhecimento prévio do assunto por parte do leitor da Carta. Pode-se considerar que essa é também uma estratégia de iniciar um SegT, não sendo possível dizer simplesmente que não haja abertura, ou que não haja uma estratégia textual de abertura de SegT. O que não haveria é um conjunto de enunciados prioritariamente dedicado a introduzir o tópico. Assim, esse seria outro tipo de caso em que não distinguimos a unidade tópica de Abertura.

A esse respeito, um caso interessante, talvez intermediário entre casos típicos de ocorrência da Abertura e aqueles em que não cabe reconhecer tal unidade, é quando, no início do SegT, ocorre uma estratégia evidente de abertura (às vezes de mudança de tópico), mas o escrevente não chega a expressar qual o tópico a ser desenvolvido. É o que pode ser visto nos primeiros blocos de enunciados em (17) e (18) abaixo.

(17) Senhor Redactor. Vou dizer-lhe uma coisa, que fará o favor de man- | dar escrever na sua folha.

Hontem á tarde quando sa- | hi do meu serviço de pedreiro [...] (Carta 458).

(18) [...] Outro desabafo, Senhor Redactor.

Se Vossa mercê | se queixa dos magotes d'egoas, que seus | donos tem posto nas Praças d'esta Cidade [...] (Carta 390).

Nesse tipo de caso, o(s) primeiro(s) enunciado(s) anuncia(m) que um (novo) tópico será desenvolvido, mas não explicita(m) qual é esse tópico. Os enunciados seguintes expressam o tópico, mas estes enunciados já desenvolvem o tópico especificamente, já fazendo parte da unidade que iremos considerar como Explicação ou como Avaliação. A questão aqui é em que medida esses enunciados iniciais teriam autonomia e relevância tópica suficientes para poderem ser analisados como representando a unidade Abertura. Por ora, temos identificado a unidade Abertura em SegTs como em (17) e (18), reconhecendo, porém, que se trata de uma questão passível de um tratamento mais detalhado.

Em síntese, consideramos que a unidade Discussão contém a subunidade Abertura quando é possível isolar um conjunto de enunciados primariamente dedicado a apresentar o tópico, que passa a ser abordado especificamente na sequência (ou um conjunto de enunciados dedicado, apenas, a anunciar que um (novo) tópico será abordado, sem chegar a explicitá-lo).

Considerando a unidade de Fechamento (adiando um pouco a análise das unidades de Explicação e Avaliação), é possível observar uma situação similar ao que se verifica na Abertura. O Fechamento, conforme consideramos, seria uma unidade dedicada a encerrar a parte do SegT destinada a dissertar sobre uma situação-problema, parte depois da qual pode ser, então, acrescentada a Interpelação referente a essa situação-problema. Assim como no caso da Abertura, distinguimos a unidade Fechamento apenas quando é possível segmentar um conjunto de enunciados especificamente dedicado ao encerramento da Discussão. Os últimos blocos de enunciados nos exemplos seguintes ilustram o que estamos considerando como sendo a unidade Fechamento.

(19) Tem por ahi corrido, – e consta, estar já en- | tregue ao excelentíssimo presidente, – um assignado do povo, para que se faça correr a nossa agua do | chafariz. Vimos esse assignado; e com gosto lhe | prestamos tambem a nossa assignatura. Acha- | mol-o mui bem deduzido, em linguagem clara, | e chãã, como de Paulistas. A obra, que ahi se | indica, se aos senhores engenheiros, parecer de | difficil execução á nós Paulistas, e ao povo, não parecerá assim. A agua do chafariz, assim como | lhe foi arrancada, assim lhe pode, ser restituída. || A causa é facilima. Basta ir ver, como sahe | da torneira da caixa d’agua, aquella agua tão | esguichada, para conhecer-se, quanta violencia | se lhe faz, para ser assim reprimida [...]

Por tanto, sem muitas considerações, | a obra pode fazer-se; e sua execução não é | muito difficil, aplique-se-lhe boa vontade. || Não venha a camara com as suas; nem se | desculpe com engenheiros: e o povo terá, como d’antes, a agua para beber (Carta 453).

(20) E’ DE ADMIRAR ! ||

Não posso deixar de levar ao conheci- | mento do povo honesto e principalemnte | do commercio da capital, o procedimento | pouco cavalheiro de um importante ne- | gociante atacadista desta praça – o senhor José | de Souza Macedo. || O abaixo assignado há muito tempo que | occupava

um predio de propriedade do di- | to negociante em quem depositava toda | confiança; e o mesmo abusando-a, exigiu- | me ultimamente uma contribuição de | 300\$000 para despesas feitas na casa, o | que paguei e da qual nem ao meus exigi | recibo, comtudo isso não tem negado. || Mas, quando fiz tal pagamento, alleguei | que tinha de mudar-me d'aquelle predio | e combinamos por eu o sublocar para mi- | nha couta: entretanto logo depois disse- | me elle que já estava compromettido com | alguém sobre a dita casa, mas que me re- | punha os 300\$000, cujas palavras foram ou- | vidas por pessoas dignas desta capital. || Parece incrível ! - o illustre cidadão aca- | ba de exigir-me a casa, negando vergo- | nhosamente aquillo que disse, sem presar | a sua palavra de negociante abastado co- | mo o diz ser. || Não faz mal, perco so 300\$000, e não obs- | tante ser elle rico, julgo precisar mais que | eu que sou um modesto ganhador de pão | para minha familia [...].

Faça pois, bom proveito com aquella | quantia, que faço de conta ter feito doação | a um Azyo ou a algum necessitado (Carta 523).

No primeiro bloco de enunciados em (19), o escrevente discute o problema de um chafariz estar fora de funcionamento, argumentando que seu concerto é um procedimento fácil, devendo, assim, ser efetivado pelas autoridades competentes. O segundo bloco de enunciados, que seria a unidade de Fechamento, apresenta uma síntese dessa argumentação (“a obra pode fazer-se; e sua execução não é muito difficil”), encerrando, assim, o assunto, o que é, inclusive, explicitado pelo uso do Marcador Discursivo “por tanto”.

De modo semelhante, o exemplo em (20) mostra um SegT em que o escrevente descreve e lamenta a atitude de um negociante que não lhe havia devolvido um valor financeiro conforme combinado entre eles. O escrevente finaliza o SegT com o último bloco de enunciados em (20). Acompanhando a sequência do SegT, fica evidente que esse bloco assume um valor de conclusão sobre o problema, o que é também explicitado por um Marcador Discursivo, desta vez, o item *pois*.

Quanto à estruturação interna, tanto a Abertura quanto o Fechamento parecem não apresentar organização em termos de subpartes tópicas, sendo constituídos ou de apenas um enunciado ou de conjuntos de enunciados equivalentes entre si em termos de estatuto tópico.

Considerem-se agora as unidades de “Explicação” e “Avaliação. A Explicação manifesta-se quando há uma parte do SegT com a função de descrever

uma situação ou narrar um fato; ou seja, seria um conjunto de enunciados com a função de expor (ou, como estamos rotulando, explicar) determinada situação. A Avaliação, por sua vez, é uma parte do SegT destinada a uma análise crítica, uma análise qualitativa de dada situação, o que normalmente vai compreender uma qualificação negativa da situação em foco. O SegT em (21) pode ilustrar esses dois tipos de unidades.

(21) Senhor redactor. || Sou uma assignante das suas folhas por minha con- |
veniencia e das meninas, que gostão de ler os romances [...] Mas para o |
negocio é que elle não anda cá a minha satisfação. ||

Eu e as meninas vivemos das obras que fazemos e | dos ovos da nossa
creação. || O senhor bota sempre nos jornaes os preços dos co- | mestiveis
e etc; mas não falla do preço das costuras, | nem do valor dos ovos.

Isso é uma falta, perdoe-me. || Olhe, se não se costurasse, andavamos nós.
Cre- | do, que vergonha! Não acha? || E os ovos são muito peitoraes. Se
em vez do expe- | diente do thesouro vossa mercê pozesse o custo destas
cousas, | olhe que havia de ter mais assignantes. || A tia Escolastica pro-
metteu-me que assignava se no | Correio fallasse dos preços da quitanda.
|| A pobre tem dias que não sabe quanto hade pedir | por uma couve!

Vossa mercê veja se introduz este melhora- | mento [...] (Carta 474).

O segundo bloco de enunciados no exemplo em (21) relata o fato de o jornal não anunciar os preços de certos produtos (“mas não falla do preço das costuras, nem do valor dos ovos”). Na sequência, no terceiro bloco de enunciados, o escrevente avalia (negativamente) o fato relatado, o que fica claro, por exemplo, pelos primeiros enunciados desse trecho (“Isso é uma falta, perdoe-me”). Essa diferença entre relatar um fato e avaliar esse fato é o que temos considerado como a diferença, respectivamente, entre as unidades de Explicação e Avaliação (nesse exemplo, o primeiro e o último blocos de enunciados constituem, respectivamente, Abertura e Interpelação).

O SegT em (22) também permite visualizar as unidades de Explicação (segundo grupo de enunciados) e Avaliação (terceiro grupo); o primeiro grupo seria a Abertura do SegT. Nesse SegT, na Explicação o escrevente narra a morte de um indivíduo em uma rua da cidade, e, na Avaliação, analisa negativamente tal fato.

(22) Senhor Redactor – Como em o seu número 97 | de hoje me offerece ocasião de desabafo | contra a Camara d’esta Cidade a quem | incumbe a sua policia quero desabafar meu | censibilisado coração, contando-lhe um | caso horroroso, accontecido á tres dias em | uma rua publica d’esta Cidade.

Um po- | bre môço carreiro de 10 a 12 annos que | servia de arrimo a sua desgraçada familia, | tendo marchado 3 ou 4 leguas por entre | mãos caminhos, chegou sem perigo | até as portas da Cidade; na continuação po- | rém da rua da Esperança quasi defronte | á casa do Conego Leão (sendo a rua prin- | cipal e unica para a entrada de todos os | carreiros & que vem de Sancto Amaro) em | um lamaçal tremendo que alli existe ato- | la-se o carro, perde o equilibrio, e queren- | do o infeliz encostar a lenha ficou espedaçado | debaixo do peso enorme; e no mais lamentavel | estado hontem deu-se á sepultura, deixan- | do sua familia desolada, e sem este arrimo. |

Bem poucas vezes se tem visto scena tão | tocante!!! E sera crível que as ruas da | Cidade sejam peiores que esses abandona- | dos caminhos ? ... E será crível que o po- | vo sobrecarregado de tributos soffra tantas | penalidades pelas estradas, e venha encon- | trar a morte nas ruas de São Paulo pelo | desleixo e pouco caso de sua Camara mu- | nicipal? [...]

(Carta 390).

As unidades de Explicação e Avaliação, em uma série de casos, manifestam uma organização interna semelhante ao que se verifica nas outras unidades, isto é, são compostas por enunciados topicamente equivalentes entre si, não apresentando complexidade interna em termos da construção de diferentes partes e subpartes. No entanto, em vários casos (principalmente quando Explicação e Avaliação são trechos mais extensos), parece haver sim algum tipo de complexidade tópica. O que parece é que, na organização interna dessas duas unidades, às vezes entram em jogo esquemas de estruturação tópica típicos de outros gêneros textuais. Por exemplo, a Avaliação, em alguns casos, parece ser estruturada de acordo com o esquema geral de estruturação de SegTs típico do gênero Relato de Opinião, que, segundo Penhavel (2010), fundamenta-se em uma oposição entre conjuntos centrais e conjuntos subsidiários de enunciados em relação ao tópico nuclear do SegT.

Essa interação entre regras típicas de diferentes gêneros seria, de acordo com Penhavel (2010), uma característica normal do processo de estruturação

de SegTs. A hipótese do autor é que, para cada gênero textual, haja uma regra geral de estruturação de SegT mínimos, sendo, porém, possível que alguns SegTs inteiros de um texto de determinado gênero ou (sub)partes de um SegT sejam internamente estruturados com base em regras de estruturação de SegTs típicas de outros gêneros textuais. A possível estruturação da unidade de Avaliação com base na regra geral do gênero Relato de Opinião seria um exemplo do previsto nessa hipótese. De qualquer forma, a análise da estruturação interna das unidades de Avaliação e Explicação é um ponto que carece de maior investigação e que deixamos em aberto neste trabalho.

Uma característica importante das unidades de Explicação e Avaliação (embora presente também nas outras unidades do SegT) diz respeito à integração de funções em uma mesma unidade. Identificar, em um SegT, as unidades de Explicação ou de Avaliação não significa que, na unidade Explicação, haja apenas a explicação de determinado fato, podendo haver também certa análise desse fato; e vice-versa, isto é, dentro da unidade Avaliação pode haver também alguma explicação do fato em análise. Ou seja, o que ocorre quando distinguimos essas unidades é a predominância de explicação ou de avaliação, e não, obviamente, a exclusividade de uma ou outra. O que permite interpretar e classificar um conjunto de enunciados como Explicação, por exemplo, seria o papel desse conjunto como um todo no contexto global de estruturação do SegT, isto é, seria sua relevância como explicação, embora possa haver ali também enunciados avaliativos.

Essa presença de uma função secundária no interior de uma unidade em que predomina outra função (por exemplo, a presença de avaliação no interior de uma unidade do tipo Explicação) pode se dar, pelo menos, de duas formas diferentes (que podem ocorrer em uma mesma unidade), que seriam a inserção de expressões linguísticas vinculadas a uma função secundária no interior de enunciados com outra função primordial, e a inserção de enunciados inteiros ligados à função secundária no interior de uma unidade em que predomina outra função. O exemplo em (23) ilustra essa integração de funções; no caso, podem ser observadas expressões de caráter avaliativo no interior de um unidade do tipo Explicação.

- (23) Está um bexiguento na populosa rua da Quitanda que | se mudou de uma casa de sobrado. || E' captivo de homem rico, podia ir para uma cha- | cara, e não se largar ali em um quarto, em uma rua tão | caminhada (Carta 456).

O trecho em (23), que corresponde ao início do SegT transcrito em (2) acima, constitui a unidade de Explicação desse SegT. Nesse trecho, o escre-

vente relata uma situação (o fato de um “bexiguento” estar vivendo em um quarto na rua da Quitanda), que é avaliada como negativa na sequência, na unidade de Avaliação. Observe-se que o relato em (23) já apresenta uma carga valorativa negativa. Ocorrem aí as qualificações “populosa”, em “populosa rua da Quitanda”, e “tão caminhada”, na expressão “uma rua tão caminhada”, que parecem indicar a gravidade de um indivíduo enfermo habitar um lugar onde há grande circulação de pessoas. Também ocorre aí a expressão “se largar”, que parece assumir um valor pejorativo em oposição a expressões como “residir”, “morar”, “viver” etc. Assim, observam-se aí antecipações avaliativas já dentro da unidade de Explicação (o que, no entanto, não compromete a caracterização dessa unidade como tal).

Essa mistura de funções, embora mais marcante nas unidades de Explicação e Avaliação, não se restringe a elas, como mencionado, podendo manifestar-se nas outras unidades também. Os exemplos em (6) e (8) acima, retomados abaixo em (24) e (25) mostram unidades de Interpelação (assim caracterizadas pela função primordial de reivindicação), que manifestam também, sem problema nenhum, expressões claramente avaliativas, conforme destacado abaixo.

(24) Pedimos | a Sua Excelência o Senhor presidente que olhe para | esta *lastima* (Carta 442).

(25) Em vista desta *patacuada* peçam Vossas mercês | ao Senhor Godoi que não progrida; pôde ap- | parecer algum Turco que lhe dê um bom | cachimbo (Carta 444).

Em síntese, as unidades distinguidas neste trabalho são concebidas em termos da predominância, e não da exclusividade, de determinada função no contexto da construção global do SegT.

Reconhecer essa integração, ou simultaneidade, de funções em uma mesma unidade significa reconhecer que a construção de um SegT não está submetida ao encaixamento do texto em uma estrutura engessada, fixa, pré-determinada. Significa, ao contrário, entender que a estruturação de um SegT é um processo flexível e plural. Por outro lado, entendemos que essa integração de funções não impossibilita, não inviabiliza a apreensão e a classificação de partes e subpartes componentes do SegT, na medida em que essa integração de funções é uma característica típica dos fenômenos de natureza textual-interativa, na medida em que a apreensão, por parte dos falantes, da organização do texto em termos de predominância de funções é uma propriedade natural do proces-

samento textual e, correlativamente, na medida em que analisar a estruturação do texto com base na predominância de funções é uma característica natural da análise de fenômenos textuais.

É, pois, nesse sentido que concebemos a noção de (sub)unidades constituintes de SegTs mínimos, (sub)unidades formuladas (e identificáveis) com base nesse equilíbrio (ou tensão) entre simultaneidade e predominância de funções, entre flexibilidade e sistematicidade composicionais. E é nesse sentido que entendemos ser possível falar em estruturação interna de SegTs mínimos.

Admitindo e concebendo, então, nesses termos, a ideia de estruturação interna de SegTs mínimos, chama a atenção a alta regularidade desse processo nas Cartas de Leitores em foco. Na análise empírica que temos desenvolvido e que serviu de base para a elaboração deste trabalho, as (sub)unidades tópicas que puderam ser reconhecidas nos SegTs investigados foram sempre as cinco acima descritas, isto é, Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento e Interpelação, e, na grande maioria dos casos, essas (sub)unidades seguem essa ordem sequencial. É essa regularidade, referente aos (sub)tipos de unidades possíveis e à sua ordenação sequencial, que permite, a nosso ver, falar em uma regra geral de estruturação de SegTs mínimos nas Cartas de Leitores.

Em termos da ocorrência dessas (sub)unidades, o uso comum (senão o exclusivo) é que o SegT apresente apenas a Discussão (caso em que a reivindicação fica implícita) ou a Discussão e a Interpelação. Até o momento, identificamos que apenas 3,8% dos SegTs analisados talvez possam ser classificados como apresentando somente a unidade de Interpelação. Porém, trata-se de casos particulares de difícil interpretação, que ainda carecem de uma análise mais cuidadosa. De qualquer forma, mesmo que esses SegTs possam ser interpretados como contendo apenas a Interpelação, é possível dizer seguramente, dada a baixa incidência dessa alternativa, que o padrão (no sentido de regra geral) de construção de SegTs mínimos envolve a construção da unidade de Discussão ou das unidades de Discussão e Interpelação juntas.

Considerando as subunidades componentes da Discussão, quase todas as possibilidades de combinação podem ser verificadas, no sentido de quais subunidades ocorrem em um SegT particular. Por exemplo, a Discussão pode conter as quatro subunidades, pode conter Abertura e Explicação apenas, Explicação, Avaliação e Fechamento, pode ter somente Explicação e Fechamento etc. A Discussão pode apresentar, inclusive, somente a Explicação ou somente a Avaliação, categorias que se mostram perfeitamente capazes de compor sozinhas a unidade de Discussão e, inclusive, o próprio SegT todo. As únicas alternativas que não se verificam são, naturalmente, unidades de Discussão formadas apenas

por Abertura, apenas por Fechamento ou apenas por essas duas subunidades juntas, de modo que, para uma Discussão se sustentar, é necessário que, pelo menos, ou Explicação ou Avaliação estejam presentes (as quais, como já dito, podem até aparecer sozinhas).

Em termos da ordenação sequencial das (sub)unidades do SegT, apuramos até o momento que, em 90% dos casos, a ordem é Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento, Interpelação (independentemente de quais dessas (sub)unidades ocorram num SegT particular). Aliás, é interessante notar que os casos em que há alguma ordenação diferente (por exemplo, Avaliação antes de Explicação, ou Interpelação entre as subunidades da Discussão) não parecem corresponder à produção de algum efeito especial de sentido, sendo a ordenação distinta, aparentemente, apenas alguma forma variante. De qualquer forma, também aqui no caso da ordem sequencial, os casos desviantes restringem-se a um percentual relativamente baixo, sendo possível considerar a sequência “Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento, Interpelação” como ordem padrão.

Considerando, então, essas observações sobre a manifestação e a combinação de (sub)unidades, pode-se dizer que há uma regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos nas cartas de leitores em pauta que seria a de que a construção desses SegTs compreende a construção potencial das (sub)unidades de Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento e Interpelação, nessa ordem sequencial, sendo que, para cada SegT, pelo menos Explicação ou Avaliação deve ocorrer necessariamente.

Até o momento, essa é a regularidade que temos observado nas cartas analisadas. É possível que um maior aprofundamento na análise venha a revelar características mais específicas ou mesmo contrárias, mas, por ora, essa generalização tem parecido bastante satisfatória.

Conclusão

Neste trabalho, analisamos o processo de estruturação interna de SegTs mínimos em cartas de leitores de jornais oitocentistas do estado de São Paulo. A esse respeito, procuramos mostrar que é possível reconhecer um padrão de estruturação desses SegTs, que consiste na construção (potencial) das (sub)unidades de Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento e Interpelação, nessa ordem sequencial (devendo o SegT apresentar, pelo menos, Explicação ou Avaliação). Trata-se de um esquema de organização tópica que estaria diretamente vinculado ao objetivo comunicativo central das cartas de discorrer sobre determinada situação, exposta como um problema, e reivindicar,

implícita ou explicitamente, que alguma medida seja tomada em relação a esse problema.

Nesse sentido, o trabalho permite confirmar a hipótese de que o SegT mínimo (em geral, não apenas em cartas de leitores) constitui uma unidade textual passível de análise em termos de regras gerais de estruturação. Naturalmente, quando falamos em regras de estruturação de SegTs mínimos, não falamos de regras da mesma natureza das regras de estruturação de sentenças. Trata-se de regras no sentido de procedimentos linguístico-textuais recorrentes o bastante para que se possa falar em padrões, os quais pressupõem variações, exceções, transgressões, bem como a convivência com regras alternativas menos usuais. Ou seja, é um sentido de regra filtrado pela consideração das especificidades características dos fenômenos de natureza textual.

Dessa forma, o trabalho reforça a possibilidade, lançada em Penhavel (2010), de se desenvolver um programa de pesquisa, no âmbito da Gramática Textual-interativa, dedicado a estudar o processo de estruturação interna de SegTs mínimos em gêneros textuais diversos com o objetivo de se construir um inventário das regras de estruturação de SegTs que os falantes têm à disposição no momento da construção e interpretação de textos e com o objetivo de se analisar como essas regras são articuladas entre si em diferentes gêneros textuais.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, A.G.; LOPES, C.R.S. (Orgs.). *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores*. 1.^a ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ, 2006.
- CASTILHO, A.T. *Projeto de História do Português Paulista*. Campinas, SP: UNICAMP, 2011 (Relatório científico, FAPESP).
- UBRAN, C.C.A.S. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A.T.; MORAIS, M.A.T.; LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas; SP: Pontes; FAPESP, 2007, p. 313-327.
- JUBRAN, C.C.A.S. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado – v.II: Níveis de análise linguística*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, p. 341-420.
- JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.G.V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

KOCH, I.G.V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PENHAVEL, E. *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*. 2010. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

